

PORTAS FECHADAS. MUSEU FECHADO?

Isabela Ribeiro de Arruda¹

RESUMO

Esta pesquisa teve início por conta da necessidade de se criar um planejamento de ações do Museu Paulista da USP junto a seus públicos durante fechamento para obras. Ao analisarmos a situação de aparente fragilidade que uma longa interdição pode causar, percebemos a necessidade de o Museu manter-se ativo junto à sociedade durante esse tempo para o efetivo cumprimento de sua missão institucional. Ou seja, da mesma maneira que a salvaguarda do acervo deve estar garantida durante esse longo período de reformas, as ações de educação e comunicação para todos os públicos (não só podem como) devem ser foco de suas principais preocupações em momentos tão delicados. Para fundamentar este argumento, fomos em busca de experiências semelhantes pelas quais outras instituições passaram, como veremos ao longo do artigo.

Palavras-chave: Museus fechados. Educação em museus. Públicos de museus.

ABSTRACT

This research began due the need to create a planning of actions for the Museu Paulista da USP during the closing of its building for restoration works. When we look the situation of apparent weakness that a long interdiction can cause, we realize that the Museum needs to remain active during this time for the effective fulfillment of its institutional mission. That is, after the safeguarding of the collection, education and communication actions for all audiences not only can but should be the main focus at this very fragile time. To justify this argument, we looked for similar experiences, and their actions we will see throughout the article.

Keywords: Closed Museums. Museum Education. Museum Audiences.

¹ Especialista em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo e pela ECA/USP. Possui bacharelado e licenciatura em História pela FFLCH/USP. Supervisora do Serviço de Atividades Educativas do Museu Paulista da USP. E-mail: isabela.arruda@usp.br

INTRODUÇÃO

O Museu Paulista da USP foi fechado em agosto de 2013 visando à segurança de visitantes e funcionários da instituição. A necessidade de uma grande intervenção no edifício-monumento que abriga o museu já era conhecida e estava sendo planejada para acontecer de acordo com um cronograma de fechamentos parciais. Um laudo técnico, no entanto, apontou o deslocamento do forro de algumas salas. Assim, o fechamento teve que ser realizado antes do previsto e de maneira emergencial. Desde então, as áreas que trabalham junto ao público do Museu Paulista vêm procurando realizar ações educativas e culturais mesmo com o fechamento dos espaços expositivos para visitação – que, estima-se, deve durar até 2022, quando se comemorará o bicentenário da Independência do Brasil. A pesquisa que embasa este artigo, realizada no início de 2015, buscou elementos que fundamentassem o planejamento das ações junto aos públicos para o período em que as exposições não estivessem abertas para visitação – exposições estas que se constituem como principal, ainda que não única, forma de comunicação do museu com a sociedade que o sustenta. Tal objetivo coadunava-se com o entendimento de que o fechamento do edifício não constitui uma desculpa para o não cumprimento da missão institucional dos museus, qual seja, a concomitância entre a preservação e a mediação do patrimônio cultural junto à sociedade.

Nesse sentido, o trabalho pretendeu pesquisar ações culturais, educacionais e demais estratégias de aproximação com os públicos de diferentes instituições culturais paulistas, a fim de conhecer outras experiências que respaldassem propostas de ação durante o fechamento do museu. Tais propostas deveriam abranger a ocupação de um imóvel alugado próximo ao edifício-monumento, hoje intitulado *Espaço de Atividades Educativas*, que à época passava por obras de adaptação. Transcorridos dois anos da elaboração do Trabalho de Conclusão do *Curso Sesc de Gestão Cultural*, o Museu Paulista pôde incrementar as ações junto a seus públicos de diferentes formas e, por esta razão, o capítulo dedicado a suas atividades foi suprimido deste trabalho, dado que as ações realizadas são muito diversas e ocupariam um espaço demasiadamente longo neste texto². Assim, nos dedicaremos à contextualização da pesquisa e à apresentação das entrevistas realizadas com diversos profissionais de museus do estado de São Paulo. Os resultados alcançados reforçam a crença de que a participação do público durante períodos de fechamento fortalece as relações dos mesmos com os museus, ampliando as possibilidades de diálogo no momento de reabertura das instituições.

2 Para conhecer as ações desenvolvidas nos últimos anos e a programação educativa em curso na instituição, convidamos os leitores a acessarem os canais de comunicação do Museu Paulista (site institucional e perfis nas redes sociais).

“O Museu Paulista está fechado? O Museu do Ipiranga também!”³

O Museu Paulista da USP, apelidado de Museu do Ipiranga, é conhecido amplamente por sua vinculação ao imaginário dos acontecimentos que envolveram o processo de Independência do Brasil. A monumentalidade e a riqueza de elementos da ornamentação de seu edifício-sede e a ambiência criada pelos jardins ao seu redor fizeram com que, ao longo dos anos, uma série de narrativas tenha sido criada a seu respeito. A mais conhecida – e talvez mais curiosa entre elas – afirma que, em um nobre passado imperial, o prédio teria sido usado como residência da Família Real, com quartos da realeza distribuídos por seus amplos corredores. A história da instituição, no entanto, é bastante diferente desse imaginário. A ideia de construir um marco em comemoração à Independência do Brasil é praticamente contemporânea ao próprio episódio conhecido como *Grito do Ipiranga*. A opção pela implantação de um edifício-monumento, no entanto, tomou força na década de 1870 e foi consolidada somente nos anos finais do governo imperial. A construção do então *Monumento do Ypiranga* iniciou-se em 1885 e as obras foram dadas por encerradas em 1890 – portanto, no começo do governo republicano. O novo regime se apropriaria do projeto dando uma destinação ao prédio: este não seria somente um marco celebrativo da história pátria, mas teria também uma função instrutiva e científica. O monumento passaria a ser sede do museu do estado para ser aberto ao público como Museu Paulista, em 1895. Em sua primeira fase, o museu era caracterizado como um Museu de História Natural e pretendia ser uma espécie de enciclopédia tridimensional do mundo e do conhecimento humano, abrangendo coleções de botânica, zoologia, mineralogia, etnologia, arqueologia e história.

Desde sua abertura, o Museu Paulista caracterizou-se como espaço de ampla visitação na cidade de São Paulo, mesmo com as grandes dificuldades de acesso presentes no final do século XIX. É importante perceber a ênfase dada à visitação pública já naquele período, visto que a presença numerosa de visitantes marcaria a trajetória da instituição por décadas⁴.

³ Esta frase foi registrada em mais de uma ocasião ao explicarmos por telefone a impossibilidade de visitação a pessoas que gostariam de agendar uma ida ao Museu Paulista.

⁴ Para se ter uma ideia, na década de 1960, o Museu Paulista chegou a alcançar a marca de 700.000 visitantes/ano. Após a incorporação do Museu à Universidade de São Paulo, em 1963, tal número foi se reduzindo gradualmente. Em 2011 e 2012, últimos anos em que esteve aberto, o Museu Paulista recebeu 319.460 e 330.838 visitantes, respectivamente. Em 2013, até o dia 02 de agosto, foram recebidos 170.231 visitantes.

Sua transformação gradual em museu exclusivamente histórico⁵ iniciou-se no começo do século XX, nas proximidades das comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil, em 1922. A criação de uma tradição ancorada em um passado heroico seria construída a partir da narrativa expográfica elaborada pelo diretor Affonso D'Escragnolle Taunay (gestão 1917-1945). A exposição criada por Taunay construiu uma narrativa ao mesmo tempo nacional e paulista, na qual o estado de São Paulo figurava como protagonista nos processos de ocupação e expansão territorial, nas atividades econômicas e nos processos políticos de emancipação – culminando no próprio episódio da independência em solo paulista. Tal discurso, impactante, persiste na memória de gerações de visitantes até o presente, e ao longo dos anos as equipes que trabalharam na instituição se depararam com o desafio de trabalhar com a explicitação dessa narrativa, *construída* valendo-se de acréscimo de elementos expográficos e de uma série de ações educativas.

O Museu foi integrado à Universidade de São Paulo em 1963 e desde a década de 1990 definiu como sua área de especialidade, enquanto museu histórico, o estudo da Cultura Material. Embora os documentos formulados naquela época já apontem as ações educativas como parte do processo curatorial, uma área especialmente dedicada a esse trabalho só foi formulada em 2001, com a criação do Serviço de Atividades Educativas (SAE)⁶.

Em abril de 2013, o Museu Paulista contratou os serviços de um escritório de arquitetura especializado em restauração a fim de avaliar problemas (como presença de rachaduras) encontrados nos forros de algumas salas. A recomendação de restauração dessas estruturas foi feita no laudo entregue pela empresa e um pedido de autorização do projeto de restauração dos forros de duas salas foi protocolado junto aos órgãos de preservação do patrimônio: Iphan, Condephaat e Conpresp, já que o edifício do museu é tombado nas três instâncias. No dia 02 de agosto de 2013, um novo laudo informou à direção do Museu Paulista que havia risco eminente de desabamento de dois dos forros avaliados, por conta da verificação da velocidade e amplitude de seu deslocamento. Por esta razão, no dia seguinte, a direção decidiu interditar o edifício tanto para visitantes quanto para funcionários, por precauções de segurança. Essa breve cronologia evidencia que a necessidade de interdições de áreas expositivas do museu

5 Processo concluído somente em 1989, com a saída do acervo e das equipes de arqueologia e etnologia para a formação do novo MAE/USP.

6 Não entendemos, neste trabalho, que o SAE seja o único com o dever institucional de se preocupar com a questão dos públicos (usuais ou não-usuais) do museu, mas, ao mesmo tempo, compreendemos que por ter contato direto com as questões apresentadas e demandadas pelos visitantes e por elaborar pesquisas de público sistemáticas, esta equipe necessariamente apresenta, sensibiliza e problematiza essas questões junto às demais áreas do museu.

já era sabida e as mesmas estavam sendo minimamente planejadas para acontecerem de maneira parcelada, a fim de que o fechamento total fosse postergado ao máximo e que houvesse um planejamento quanto às ações de comunicação e educação empreendidas antes e durante o fechamento da instituição. O fechamento emergencial, no entanto, inviabilizou esse planejamento mais minucioso e que abarcava também uma reflexão sobre o que se esperaria institucionalmente que o Museu Paulista promovesse durante as obras pelas quais passaria. Desde então, as diferentes equipes têm reinventado suas formas de atuar junto aos públicos do museu. Apesar disso, não são raras as manifestações de descontentamento do público sobre o fechamento do edifício, a falta de informações e certa sensação de abandono motivada pela inexistência de obras no local até o momento⁷. Podemos entender que tais protestos expressam um desejo de que se realizem mais ações de comunicação junto ao público e que a reforma se inicie o mais rápido possível. Acreditamos que episódios assim servem para reafirmarmos a necessidade de uma proposta institucional de comunicação e mediação, tratada como plano e de forma estratégica, e não como ações pontuais ou reativas. A proposta para elaboração desse plano foi justamente a motivação para a realização desta pesquisa.

Políticas e conceitos: museus em discussão

Para fundamentar a discussão conceitual do trabalho, iniciamos pela problematização da própria ideia de museu. Tal instituição, como qualquer outra, deve ser desnaturalizada tanto no que se refere às suas concepções quanto às suas práticas. A historicidade desse conceito convive com a multiplicidade de visões que instituições ao redor do globo adotam sobre ele. Um conceito mínimo, entretanto, tem sido buscado por meio de algumas iniciativas, como as discussões realizadas no âmbito do ICOM - Conselho Internacional de Museu, ligado à Unesco, que define a instituição da seguinte maneira:

Um museu é uma organização permanente, sem fins lucrativos, a serviço de sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu ambiente para fins de educação, estudo e diversão.⁸

A primeira ideia de destaque nesta definição diz respeito à relação

7 Em 2017, iniciou-se a retirada dos acervos, etapa fundamental para o esvaziamento do edifício e início das obras. No final de 2016, começou a ser realizado o diagnóstico das estruturas da edificação que, somado ao diagnóstico das fachadas já realizado, irá embasar o projeto de restauro e modernização do prédio.

8 Site oficial do ICOM – Conselho Internacional de Museus. [Http://icom.museum/the-vision/museum-definition/](http://icom.museum/the-vision/museum-definition/). Acesso em: 22 fev. 2017.

entre museu e sociedade, que pode ser entendida na chave do papel social dos museus, amplamente debatido desde a realização da mesa-redonda de Santiago do Chile, em 1972. O segundo ponto de destaque na definição diz respeito às finalidades do trabalho realizado nessas instituições: a educação, o estudo e a diversão. Ulpiano Meneses elenca, ao problematizar a relação entre museu e produção do conhecimento, algumas dimensões da experiência na visita a museus:

Não ignoro as tarefas educacionais do museu (mas se não tiverem como referência o conhecimento, tratar-se-á de mera doutrinação), a fruição estética, o lúdico, o afetivo, o exercício da sensibilidade, o devaneio, o sonho, a mística da comunicação e da comunhão, a curiosidade, a necessidade de mera informação e assim por diante. [...] Reconhecer essa gama multiforme de possibilidades é recusar um modelo único de museu (MENESES, 2013, p. 16).

Da mesma maneira que o autor, não defendemos aqui uma única receita que se aplique a toda e qualquer instituição museológica; é necessário compreender sua trajetória institucional, suas possibilidades em termos de recursos humanos e financeiros, suas políticas e práticas, bem como as motivações ou barreiras apontadas pelos diversos públicos na relação entre os mesmos e a instituição.

Tratando especificamente das áreas dedicadas aos públicos dos museus, Desvallées & Mairesse (2013) afirmam:

A comunicação, ela mesma, compreende a educação e a exposição, duas funções que são, sem dúvida, as mais visíveis do museu. Neste sentido, parece-nos que a função educativa cresceu suficientemente nas últimas décadas, para que o termo mediação lhe seja acrescentado (p. 22-3).

Poderíamos problematizar se as ações de educação podem ou não ser enquadradas na chave da comunicação, mas, para nós, é mais importante destacar, como aponta José Márcio Barros, que os processos de mediação não são exclusivos dos setores responsáveis pelas ações educativas nos museus.

Por mediação entende-se o processo de circulação de sentidos nos diferentes sistemas culturais, operando um percurso entre a esfera pública e o espaço singular e individual dos sujeitos. Trata-se, portanto, de uma operação cognitiva, simbólica e informacional que se faz presente em processos tanto de formação quanto de educação (BARROS, 2013, p.11).

Ou seja, a mediação ultrapassa os limites das ações educativas para alcançar todos os profissionais e ações desenvolvidas pelas equipes dos museus e geradoras de sentidos para os mais diversos públicos da instituição – inclusive o chamado *público interno*, formado pelos próprios profissionais.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), por sua vez, adotou como definição de museu aquela presente na Lei nº11.904, que instituiu o Estatuto de Museus. Segundo essa legislação:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Chama atenção a repetição da ideia de museu como espaço *aberto ao público*. Podemos nos perguntar: um museu com portas fechadas para visitação de suas exposições seria um museu fechado ao público? Se estar aberto ao público é condição para ser considerado museu, tal espaço poderia deixar de sê-lo temporariamente? A seguir, veremos como essas perguntas se aplicaram à realidade de diferentes instituições a partir do momento em que foram fechadas ao público.

Museu fechado. O que fazer?

A fim de conhecer outras estratégias de ação junto ao público durante períodos de fechamentos totais ou parciais, fomos em busca de instituições que também tiveram seus espaços interditados nos últimos anos. O objetivo era ter acesso, por meio de entrevistas com profissionais, as alternativas de atuação na mediação com os públicos criadas por outros museus para enfrentar situação semelhante. Para tanto, utilizamos inicialmente como fonte a publicação Guia de Museus Brasileiros, produzida pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM e editada em 2011. O guia pretende ser uma compilação que ofereça as informações fundamentais sobre todas as instituições museológicas estabelecidas no país. Para se ter uma ideia, em 2011 haviam sido localizados 3.118 museus no Brasil, sendo 1.150 na região Sudeste. Selecionamos os museus localizados no estado de São Paulo para saber quais deles apresentavam o termo *Fechado* para o item *Situação do Museu*. A pesquisa apontou que dentre 415 instituições, 36 encontravam-se fechadas para visitação no ano da publicação. Nossa experiência profissional na área, no entanto, apontava que em 2015 algumas dessas instituições já haviam sido reabertas ao público – como é o caso do Museu Republicano Convenção de Itu e do antigo Memorial do Imigrante,

hoje Museu da Imigração – e outras haviam passado por fechamentos parciais e reformulações – como a Pinacoteca do Estado – ou fechamentos totais – caso do Museu Lasar Segall. Dessa maneira, para definir o recorte de instituições que seriam pesquisadas, optamos por buscar museus com vinculações institucionais e/ou amplitude em termos de acervo e público mais próximas às do Museu Paulista. Assim, as instituições escolhidas para a realização de entrevistas foram⁹:

Tabela 1: Instituições selecionadas para as entrevistas			
Cidade	Instituição	Gestão	“Fechado” no Guia de Museus Brasileiros?
Brodowski	Museu Casa de Portinari	Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari	Não
Itu	Museu Republicano Convenção de Itu	Universidade de São Paulo	Sim
São Paulo	Museu de Zoologia da USP	Universidade de São Paulo	Não
São Paulo	Museu de Arqueologia e Etnologia da USP	Universidade de São Paulo	Não
São Paulo	Museu da Imigração	Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração	Não
São Paulo	Museu Lasar Segall	IBRAM, com apoio da Associação Cultural de Amigos do Museu Lasar Segall	Não

⁹ A entrevista com a equipe do Sesc Ipiranga, que apesar de não caracterizar-se institucionalmente como museu também foi escolhida para compor a pesquisa, infelizmente não pôde ser incluída neste artigo por questões de espaço. A instituição foi escolhida para o trabalho tanto pela proximidade física em relação ao Museu Paulista quanto pela realização do projeto “É logo ali!”, que ocupou temporariamente um imóvel nas imediações da Unidade por conta da realização de obras em suas instalações.

Mapeadas as instituições, partimos para o contato com as equipes que gostaríamos de entrevistar. Inicialmente, procuramos entrevistar profissionais que estivessem ligados diretamente ao planejamento e à execução de ações junto aos públicos, e por esta razão, o contato com os educadores desses espaços se deu de forma quase natural. Entre os oito profissionais entrevistados, quatro deles atuam como educadores em suas instituições. Os demais estão ligados às áreas de coordenação, programação ou gestão, mas de alguma maneira estiveram envolvidos com o planejamento de ações de mediação em seus museus. Em seguida, elaboramos um roteiro de entrevista, do qual extraímos algumas informações para este trabalho. Durante as conversas, procuramos entender quais programas e ações eram trabalhados com os públicos antes, durante e eventualmente após o fechamento das instituições. Acreditamos, porém, que parece mais interessante, neste momento, que nos aprofundemos especificamente nas estratégias adotadas durante os fechamentos. Como esforço de síntese, elaboramos quadros explicativos para cada uma das instituições entrevistadas, conforme veremos abaixo:

1. Museu de Zoologia da USP	
Entrevista com a educadora Márcia Fernandes Lourenço	
Data do fechamento: 1º: 2000-2002 2º: 2010-2015	Motivo: 1º: reformulação da exposição de longa duração e restauração. 2º reformas estruturais
Ações realizadas: 1º: Produção de materiais didáticos, inclusive materiais acessíveis; aquisição de material permanente; parceria com shopping local para aquisição de materiais; visitas aos bastidores; empréstimo de materiais para professores; palestras a convite de outras instituições; participação na elaboração da exposição. 2º: Itinerância de exposições montadas anteriormente pelo museu por meio de parcerias institucionais, com intensa formação de professores; empréstimos de materiais; palestras; visitas aos bastidores; produção de materiais didáticos.	
Dificuldades: Comunicação interna; liberação de recursos; autorização para deslocamentos.	

2. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP	
Entrevista com o educador Maurício André da Silva	
Data do fechamento: 2010-2015 (parcial)	Motivo: Reformulação da exposição de longa duração e transferência para novo edifício
Ações realizadas: Formação de professores; empréstimo de materiais pedagógicos; projeto com comunidade vizinha; projeto com pessoas idosas; programação de férias; produção de materiais acessíveis; oficinas de arqueologia; reserva técnica visitável; exposições externas.	
Dificuldades: Suprir a demanda dos públicos espontâneos; energia despendida em ações não realizadas.	

3. Museu da Imigração	
Entrevista com a coordenadora técnica Mariana Esteves Martins	
Data do fechamento: 2010-2014	Motivo: Restauração.
Ações realizadas: Disponibilização do acervo digital; exposições virtuais; plataformas virtuais colaborativas; exposições externas itinerantes; política curatorial por redes sociais; parcerias com transporte público; parcerias com comunidades de imigrantes.	
Dificuldades: Equipe nova e reformulação conceitual.	

4. Museu Lasar Segall	
Entrevista com a educadora Ana Luisa Nassar	
Data do fechamento: 2013-2015	Motivo: Reforma de infraestrutura.
Ações realizadas: Criação de material <i>Museu fora do Museu</i> ; parceria com instituições do entorno (escolas, museus, CAPS (Centro de Atenção Psicossocial); itinerância das equipes; exposições temporárias; formação de educadores.	
Dificuldades: Negociações internas, atuação em outros espaços institucionais, comunicação da equipe, angústia pessoal.	

5. Museu Republicano Convenção de Itu	
Entrevista com a educadora Aline Zanatta	
Data do fechamento: 2007-2010	Motivo: Reforma para escoamento de águas pluviais e telhado.
Ações realizadas: Formação de professores; parcerias com escolas; produção de materiais pedagógicos; ciclo de palestras.	
Dificuldades: Equipe reduzida.	

6. Museu Casa de Portinari	
Entrevista com a diretora Angélica Fabbri	
Data do fechamento: 2012-2014	Motivo: Restauração
Ações realizadas: Ampla estratégia de divulgação; exposição em frente ao museu; atividades para pessoas idosas; <i>Oficinas Andantes</i> ; oficinas com artistas locais; participação na Rede Protetiva do Ministério Público; ocupação de diferentes espaços da cidade.	
Dificuldades: Impacto negativo do fechamento na cidade.	

Procuramos, a partir das entrevistas realizadas, indicar algumas das possibilidades sobre as ações de mediação junto aos públicos de instituições museológicas com espaços expositivos fechados. Duas palavras-chave foram encontradas nos discursos dos diversos profissionais com os quais conversamos: visibilidade e parceria. Enquanto a primeira diz respeito não somente à visibilidade na imprensa ou no meio museológico, mas também junto às comunidades onde se inserem as instituições, a segunda se estabelece das mais diferentes maneiras, tanto com instituições da área da cultura como com outras das mais variadas origens – ou seja, fogem das iniciativas mais óbvias para buscarem outros interlocutores. Encontramos parcerias envolvendo órgãos públicos, instituições de saúde, escolas e até mesmo empresas de transporte público.

A questão do espaço, por sua vez, revelou-se não impeditiva para a realização das ações educativas. Com exceção do MAE/USP, todas as outras instituições não contavam com espaços apropriados para recebimento de público para a realização de atividades.

A formação e integração de redes, por sua vez, apareceram somente em uma das entrevistas, com a forte articulação do SISEM/SP.

O uso de ferramentas digitais apareceu diversas vezes, tanto na elaboração e disponibilização de conteúdo e exposições, quanto nas ações de divulgação e de pesquisa, inclusive colaborativas e com participação do público. Tais ações evidenciam o grande potencial que as redes sociais, especialmente, apresentam em relação a públicos que eventualmente nunca tiveram contato anterior com a instituição.

Todos esses processos, além de darem continuidade à missão institucional dos museus, alimentam e criam novas relações com públicos para sua reabertura. No entanto, a potencialidade da construção de estratégias participativas que alimentassem a reabertura dos espaços, não figurou entre as falas dos colegas entrevistados.

Por fim, destacamos que as ações extramuros, como reafirmado por diversos colegas, independem do fechamento ou não da instituição para obras. O fechamento do museu, portanto, constituiu oportunidade única para repensar e aprofundar suas relações com os públicos, considerando a continuidade desses processos após a reabertura do museu.

Fechado para obras, aberto para se reinventar

Ao iniciarmos esta pesquisa, não imaginávamos a diversidade de soluções que seriam encontradas para enfrentar situações tão delicadas para as instituições museológicas como os fechamentos de suas sedes. A criatividade e a perseverança no trabalho junto aos públicos, no entanto, configuraram uma grata surpresa no resultado das entrevistas com os profissionais – alguns deles, inclusive, não diretamente envolvidos com a área de educação, comumente entendida como responsável por todas as ações de mediação junto aos públicos de museus. A ideia de dar continuidade às atividades junto aos públicos foi entendida como estratégia institucional, visando não só a efetivação da missão e dos deveres institucionais, mas até mesmo como motor para a geração de expectativas e envolvimento das pessoas para a reabertura do museu. Afinal, um fechamento de longo prazo, como é o caso do Museu Paulista, oferece uma série de desafios, entre eles, a manutenção, o estreitamento e a criação de novas relações com a enorme diversidade de públicos usuais ou potenciais da instituição. Consideramos que este trabalho foi somente o primeiro passo para a construção de um plano de trabalho institucional para os próximos anos, para que nosso compromisso com os públicos, tanto do ponto de vista da instituição como dos profissionais que nela atuam, se efetivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Maria de Alencar. *O Ipiranga Apropriado: Ciência, política e poder. O Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo: Humanitas, 2001.

BARROS, José Márcio. Mediação, Formação, Educação: Duas aproximações e algumas proposições. In: *Revista Observatório Itaú Cultural*. São Paulo, n. 15, 2013.

BRASIL. Guia dos Museus Brasileiros. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Gestão de Museus, diagnóstico museológico e planejamento*. Um desafio contemporâneo. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Orgs.); CURY, M. X.; SOARES, B. B. (Tradução e comentários.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

Sites

Estatuto de Museus. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017.

ICOM – Conselho Internacional de Museus. Disponível em: <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017.